

Entrevista

Projeto: Cidade de Memórias - São Lourenço dos Índios e a cidade de Niterói

Entrevistados: Maria do Carmo Pinto Rodrigues e Gilda Pinto Rodrigues

Entrevistadores: Iohana Brito de Freitas, Marília Nogueira dos Santos e Tarso Tavares Vicente

Preliminarmente, é válido ressaltar que a entrevista se deu após um contato prévio com as duas entrevistadas, no dia 22 de novembro de 2003 e momentos antes da entrevista. Alguns dados serão, pois, aparentemente recuperados.

Legenda:

MC - Maria do Carmo Pinto Rodrigues

G - Gilda Pinto Rodrigues

I - Iohana Brito de Freitas

MA - Marília Nogueira dos Santos

T - Tarso Tavares Vicente

* - Os entrevistados falam ao mesmo tempo

LADO "A"

I - 05 de dezembro de 2003, estamos aqui em São Lourenço, Niterói, com a finalidade de entrevistar dona Maria do Carmo para o curso de história oral do segundo semestre de 2003, sobre a história do bairro de São Lourenço. Eu, Iohana Brito de Freitas vou entrevistar a senhora Maria do Carmo. Bem, primeiro vamos começar pelo seu nome. Qual é o nome da senhora?

MC - Maria do Carmo Pinto Rodrigues.

I - E qual a sua idade?

MC - 69 anos.

I - Ah, e a senhora nasceu aqui mesmo no bairro?

MC - Nasci aqui mesmo.

I - Ah tá. E desde quando... ah, então a senhora mora desde que você nasceu aqui?

MC - Desde que eu nasci.

I - Você tem irmãos?

MC - Tenho.

I - Quantos?

MC - Eu tenho cinco vivos, não é Gilda?

*G - Quatro, cinco.

*MC - Cinco. Tem o Gelson...

*G - Tem cinco, Cocota.

MC - Tem cinco. Pode dizer o nome deles?

I - Pode, fale.

MC - Gelson, Gilda, Gelta, Geci e eu.

I - Qual deles é o mais velho?

MC - É o Gelson.

I - Gelson?

MC - Depois é a Gelta.

I - E sobre a sua relação aqui no bairro, sua vida aqui no bairro? Fala um pouquinho pra gente.

MC - Boa, né? Eu fui criada aqui.

G - Muito feliz, muito boa

MC - Muito feliz, muito boa.

I - É? E... vamos voltar um pouco, vamos falar um pouquinho dos seus pais. Os seus pais já nasceram aqui ou eles vieram para cá?

MC - Não, já nasceu aqui.

I - Tanto o seu pai quanto a sua mãe?

*G - Meu pai não.

*MC - Meu pai não, meu pai era filho de espanhóis.

I - Qual era o nome do seu pai?

MC - Avelino Rodrigues. Ele é falecido.

I - Ele era filho de espanhóis... ele nasceu aqui ou ele veio lá da Espanha?

G - Não, ele nasceu aqui.

MC - Ele nasceu aqui.

I - Ah, os seus avós vieram pra cá.

MC - É, vieram pra cá.

G - Não, é, meu avô por parte de pai é daqui, nesta casa que nós moramos agora. A minha mãe não tem mais nada.

I - E, e a sua mãe?

MC - Minha mãe também já é falecida.

I - Qual era o nome dela?

MC - Jacira Pinto Rodrigues.

I - Ah tá. E... você sabe algo da família da sua mãe? Dos pais da sua mãe?

G - Também está tudo morto.

MC - É né Gilda, a gente era pequeno quando nós perdemos eles, né? A gente era pequeno. A gente não lembra...

***G** - Incompreensível

***MC** - Só duas tias que usavam esse nome de Souza e Cardoso. Porque a gente não usou, a gente não usou, mas a...

***G** - A minha mãe tirou.

MC - Mas essa Hermosa, desse Sousa Lopes, ela usou o nome de Sousa.

I - Sua mãe tirou o Souza quando se casou com seu pai?

G - É quando se casou.

MC - Quando casou com meu pai.

I - E como é que seus pais se conheceram?

MC - Ah, não sei... (risos)

I - Eles se conheceram aqui no bairro mesmo?

MC - Deve ter sido aqui, né? Ah, isso eu não me lembro mesmo.

***G** - (incompreensível) deve ter mudado com os pais dele pra cá, ficou com este terreno aqui e pediu as contas lá, aí ficou aqui, começou a trabalhar, né (incompreensível)

***MC** - É... eu não me lembro mesmo... deve ter sido... deve ter sido aqui mesmo, né?

I - E dos tios por parte de mãe, a senhora lembra?

MC - Já estão falecidos também.

I - Mas da sua infância, da senhora pequena, a senhora lembra?

G - Não, só de uma que era solteirona.

MC - Não, eu só me lembro de um tio... dois.

***G** - Dois.

***MC** - Também já é falecido, também.

***G** - Esse que era da (incompreensível)...

***MC** - Hamilton de Sousa e... o outro como é o nome, Gilda?

G - Titia...

MC - Titia a gente chamava de Pagela, é Gela.

G - Era João Evangelista.

MC - Era João Evangelista.

G - De Souza, esse está (incompreensível). Isso. Só.

I - E por parte de pai? Você lembra dos seus tios? Seu tio, tia?

MC - Lembro...

I - Quantos tios?

***MC** - Também já é falecido.

***G** - Tudo falecido.

MC - Três, três...

***G** - Tia Helena,

***MC** - Tia Helena, é...

***G** - Tia Helena, tio Juca ...

***MC** - Helena, tio Juca e Isaura.

***G** - E Isaura.

***MC** - Todos eles já faleceram.

I - E o seu pai e sua mãe, eles trabalhavam em quê aqui no bairro? Trabalhavam aqui no bairro mesmo?

G - Meu pai era sapateiro.

MC - Meu pai era sapateiro. Minha mãe era doméstica.

I - Mas, seu pai trabalhava como sapateiro aqui no bairro mesmo?

MC - Aqui mesmo.

G - Não ele trabalhava aqui, aqui no quintal.

MC - Mas ele tinha um negocinho dele ali...

G - Eu nasci lá, 20 de agosto.

I - Aonde?

G - Na Coméia, onde é a Coméia, ali na ladeira onde era a casa da minha mãe, da minha avó. De lá quando foi crescendo que viemos para cá.

***MC** - É, nós viemos para cá.

***G** - Meu avô deu essa casa pro meu pai...

***MC** - Era tudo pequeno.

***G** - E a gente veio para cá com ele.

I - Então as senhoras nasceram nesse bairro chamado Coméia?

MC - Não, não é Coméia, é aqui mesmo.

I - Ah, é aqui em São Lourenço?!

***MC** - É, agora... é aqui na ladeira de São Lourenço, ali era um colégio.

***G** - (incompreensível) Tinha muitas frutas, tudo.

I - Mais ou menos com quantos anos a senhora se mudou pra cá?

MC - Pequena.

***G** - (incompreensível) era mais velha... não. Eu, eu sei que vim com três.

MC - A gente já andava em tudo, mas era pequena.

I - E essa casa aqui como é que... o seu pai construiu, sua mãe...

MC - Não, foi meu avô.

G - Isso aqui é por parte de pai.

I - Ah, foi seu avô por parte de pai.

***MC** - Meu avô por parte de pai que fez. Isso tudo aqui... isso tudo aqui... essa aqui é nova que fizeram, é um tio meu...

***G** - Não, era velha, mas aí reformou...

MC - É o pai de Luis, você conhece Luis, né? Então, meu tio, por parte de pai. Ele que fez ela agora, nova. Agora, essa daqui já é oh... (estalando os dedos)

G - Meu avô...

I - Qual o nome do seu avô? [Gilda falava algo sobre seu avô ao fundo]

MC - Do meu pai? Santo Rodrigues.

G - Santo Rodrigues Baleia.

I - É ele que era espanhol?

MC - É, ele que era o espanhol.

I - Ah sim. E quando, assim... voltando na sua infância, quando a senhora era pequena, o que você lembra? Da casa, a casa era então ali na Coméia e veio pra cá... Mais o que que você lembra?

MC - Na Colméia era grande, uma casa grande, sabe? Tinha um quintal enorme! Agora, depois que nós vimos para aqui já é diferente, aqui já tinha casa, aqui quase não tinha, né, quintal grande pra gente brincar, depois que foi fazendo essas casas aí, essas casa aí eram nova.

I - E as brincadeiras desse tempo? O que a senhora lembra?

MC - Ah, brincava.¹ Essa aqui que era mais brincalhona (mostrando a irmã Gilda). Essa brincava... eu não sou muito de brincadeira não, não era não, mas essa aqui brincava muito.

G - Besteira...

***MC** - Brincava de queimado, de bola de gude, ela também gostava de jogar... (risos)

***G** - Não tenho vergonha mesmo... não tenho vergonha disso não.

***MC** - Quando era pequena, ela gostava, ela não tinha vergonha não, mas eu já era... até no Colégio mesmo, pra brincadeira eu era assim, sabe? Mas ela não... ela gostava.

MA - Onde a senhora estudou?

MC - Estudei no José Bonifácio...

I - Onde é que fica o José Bonifácio?

MC - No Pinto Lima... José Bonifácio é aqui...

G - Na Carmesiliana

MC - Na Carmesiliana. Muito tempo!

¹ (ela fica emocionada sempre que lembra da infância. Seus olhos brilham e lacrimejam)

I - E você lembra se lá no José Bonifácio tinham muitas crianças que eram aqui do Bairro também?

*MC - Tem , tem. Muitas.

*G - Daqui e do Boa Vista.

*MC - E até hoje também. Até hoje, estuda muita criança daqui.

*G - (Incompreensível) colégio que tem aqui.

I - E teus colegas de classe, daqui do morro, vocês brincavam aqui, tinham alguma relação aqui?

MC - Aqui não tem não. Não.

MA - E vocês quando pequenos gostavam muito da festa de São Lourenço?

MC - Gostava...

MA - Frequentavam?

*G - Adorava... eu não era de beber aí...

*MC - Tinha procissão...

I - E essa festa é a festa do padroeiro?

MC - Padroeiro, São Lourenço, que é dia 10 de agosto.

I - E desde essa época você lembra se já era comemorada a festa do Araribóia no dia 22?

MC - Era né Gilda?

G - Era. Tinha aí as coisas, mas não era assim como é, como está de uns tempos pra cá.

I - Como?

MC - O governador não vinha, o prefeito não vinha, não vinha não.

G - De uns tempos para cá que eles vêm.

*MC - Até tinha muita reclamação pra ele vir.

*G - Não, não era também não vir...

MC - Agora que eles tão fazendo isso.

I - Mas a comunidade aqui do bairro de São Lourenço...

MC - Mas sempre teve a festa de São Lourenço.

I - Sempre fez a festa de São Lourenço?

MC - Sempre tinha a festa dele. Não podia faltar. O pessoal daqui fazia.

I - Sempre... era onde? Ali perto da igreja?

MC - Às vezes chegava até a brigar pra fazer a festa

G - Ali mesmo.

I - E da igreja, o que a senhora lembra? Vocês brincavam em volta, costumavam frequentar a missa, ou não?

MC - Não, eu frequento missa, mas sou difícil frequentar missa.

G - Eu ia, ia era a daí.

I - E quando a senhora era pequena?

MC - Não, não me lembro de ir a missa não. Você sabe, eu fiz primeira comunhão, todos nós fizemos primeira comunhão...

I - E quem morava com a senhora quando a senhora era pequena?

***MC** - Minha mãe, meus pais.

***G** - Meus pais.

I - Tinha algum tio morando com vocês, não?

MC - Tinha parte de pai, que morava ali. Lá na Colméia meu pai morava também, era uma família só, por parte de pai, de mãe.

G - De pai, pai.

MC - Agora aqui era parte de pai. Então tinha família da minha mãe e família do meu pai.

MA - Mas era assim, várias casas no mesmo terreno?

MC e G - No mesmo terreno.

MA - E aí todos moravam juntos...

MC - Lá na Colméia não. Lá na Colméia só era nosso.

MA - Uma casa que morava todo mundo junto dentro da mesma casa?

MC - Todo mundo. Era um quintal imenso. Se vocês vão lá, vocês... se passarem ali vocês vão ver.

MA - Ah, ainda tem a casa?

***G** - Não, aqui é que mudou, mas a casa...

***MC** - É aqui. Agora é da Prefeitura, a prefeitura é que toma conta agora. Um senhor que toma conta. Mas como a família não compreendeu que era pra venda né, um queria a parte de baixo outro queria... sai lá na Rua Indígena, um terreno da Coméia. Então um queria a parte de baixo, um queria a parte de cima, fazia questão, sabe? Foi, resolveram vender [...] nós teve que se mudar dali.

MA - Aí vocês vieram para cá...

G - Aí meu avô tinha isso aqui, a parte de lá.

MA - Seu avô espanhol...

I - Ele tinha muitas terras aqui?

***MC** - Não, só tinha aqui.

***G** - Tinha aqui e lá. Mas ele que construiu aqui.

MC - Ah é, ali onde Marlene mora.

MA para G - Foi ele que construiu?

G - Ele que fez mesmo. Tudo isso aqui é de pedra.

I - E...

MC - Aqui a pessoa vai capinar, só encontra pedra. Eu acho que essa casa aqui foi feita toda em cima de pedreira, porque foram cavar uma cisterna ali, iam fazer uma [...] e não conseguiram. Quando chegaram só tinha pedra.

I - Mas voltando aqui à sua infância, dona Maria do Carmo, quando você era pequena, você lembra do carnaval, na sua adolescência se vocês saíam para pular carnaval...

MC - Ah, lembro que minha mãe levava a gente, né? Pra ver o carnaval, né?

G - Na rua São João, ficava sentada ali. Mas eu era pequena.

MC - A gente era pequena, minha mãe levava a gente. Só lembro disso.

I - E tinha alguma coisa aqui no bairro?

MA - Tinha bloco?

MC - Aqui não tinha bloco, não tinha nada.

G - Depois é que teve bloco, ta?

MC - Mas, ahh, muito tempo!

G - Então! Isso que estou dizendo, foi depois!

MC - Mas bloco não tinha não.

I - Quando a senhora tinha lá seus quinze, dezoito anos, a senhora não lembra não?

***G** - Tinha bloco não.

***MC** - Tinha não. É, depois dos trinta, trinta e pouco é que apareceu bloco.

I - Então a senhora sempre morou nessa casa, né? Desde...

MC - Sempre. Desde pequenininha. Eu devia ter uns 7, 10 anos.

I - E voltando aqui à história da sua mãe, né, que a senhora falou que teria essa relação com o aldeamento, com os índios. Ela contava muito pra senhora?

MC - Ela contava. Contava que a minha... a mãe da minha bisavó que era da sétima geração. Eu sei que a gente comentava. Quando um senhor vinha aqui, o seu Guimarães, ele escutava um papo com a minha tia, então ele perguntava a ela essas coisas, então ela dizia, né.

G - O nome daquele senhor... Arquimedes.

MC - Arquimedes. E o filho dele que é Arquimedes.

G - E o filho também que vinha às vezes.

MC - As vezes...

I - Qual era o nome?

MC - Arquimedes.

I - Arquimedes?

G - Arquimedes.

MC - Mas não era seu Guimarães não, Gilda?

G - Era Arquimedes.

MC - Eu sei que ela hoje é falecida e ela não... ela tem uma filha. Se a filha fosse... se a filha não tivesse problema, que ela é uma pessoa doente sabe? Ela tem problema de fazer hemodiálise, quatro vezes por semana, ela sempre... ela também é professora, se ela estivesse melhor, eu poderia mandar vocês lá, mas ela está sempre internada fazendo isso né? Então ela não tem muita saúde pra conversar, né? Ela sabia mais.

I - Mas as lembranças da senhora mesma? Quando a senhora era pequena e vinha gente conversar com a sua mãe, o que a senhora lembra que eles falavam com sua mãe?

MC - Só falava isso do Araribóia que a gente pertencia...

***G** - Que a gente tinha sangue...

***MC** - Tinha sangue.

G - Os moradores ficam encarnando.

MC - É por isso que quando chega gente aqui, os moradores mandam vir pra cá, porque ficou sabendo disso né? Procura logo a gente. Aí a gente vai contar o que?

G - Aí calhou desse dia do bolo, foi isso.

MC - E se ainda tivesse minha mãe viva né?

I - Dona Gilda conta a história do bolo pra gente!

G - Foi isso né?

I - Conta, pra gente arquivar aqui.

G - Nós chegamos lá. Eu sou muito curiosa mesmo.

MA - Lá aonde?

G - No casarão da Charitas. Aí quando chegamos lá, eu fui entrando, ele: "não vai entrar não, porque acho que aí", eu falei ah eu vou... você fica aí atrás que eu vou lá.

I - Era o que, era aniversário da cidade?

G - É, da cidade, 400 anos, não foi uma festança, você nem era nascida. (risos) Aí, nós... eu fui com ele. Aí o bolo foi imenso, foi de três andares, assim! (falando com ênfase e mostrando o tamanho do bolo com as mãos) Né, e...

I - Tinha muita gente?

G - Tinha... tinha muita autoridade né.

(Neste momento a conversa torna-se paralela, tendo os entrevistadores o foco em Dona Gilda. Entretanto Dona Maria do Carmo continua falando.)

MC - Aqui também quando é festinha assim... político só aparece aqui nesse dia. A prefeitura é igual, só aparece aqui nesse dia.

MA - Mas aí o prefeito cortou o bolo, prefeito que era o...

I - Quem era o prefeito?

G - Paulo Torres, acho que era ele sim, Paulo Torres.

MA - Aí ele cortou...

I - E como é que foi? Conta pra gente!

G - Não ele partiu. Era ele ou Waldenir Bragança. Não sei, mas era Paulo Torres sim. Aí ele coisa, aí quando ele partiu o bolo, eu ali na frente, ele me deu e eu ganhei.

MC - O primeiro pedaço...

I - O primeiro pedaço!

G - Eu tinha quantos anos... vinte e poucos anos.

I - Vinte e poucos anos?

G - Vinte e cinco, vinte e poucos anos. Aí eu comi e depois a champanhe também. O garçom... abriram muita champanhe né, estouraram a champanhe, aí o garçom também estava do lado de mim e me deu [...] Aí depois ele foi dando às outras autoridades, depois de mim, né.

I - Então a senhora ganhou o primeiro pedaço e a primeira champanhe pra depois dar para as autoridades?

G - É, e depois esse garçom que me deu disse assim... aí eu falei: "Ih, o bolo está gostoso!", aí saí que vou sentar né? Fiquei ali vendo o show, teve show. Aí eu fiquei vendo, depois o garçom falou assim, toma aqui e leva pra sua casa. Minha tia sempre vinha dormir com a minha mãe, com o pessoal, porque ela já estava doente já. Aí... eu quando desci aí [...] Essa prima (?) encarnava muito na gente.

I - Por que ela encarnava?

G - Não, porque a gente passeava muito. De carro. Aí ela disse assim: "Ihh meu Deus, Araribóia acertou que você era parente dele, mandou trazer bolo pra gente comer!". Aí essa minha tia que gostava das coisas de índio estava aqui e falou: "Não disse que você ia ganhar o bolo?" Pois é...

MA - Que tia era essa que gostava de coisa de índio?

G - É essa, a Hermosa.

I - Qual o nome dela?

MC - Hermosa de Sousa Lopes.

G - Não, Lopes depois que casou, Cocota. Hermosa de Sousa Pinto.

MA - Hermosa de Sousa Pinto.

I - Ah sim. Ela é irmã da sua mãe?

MC - Irmã da minha mãe.

MA - E ela gostava de coisa de índio?

G - Ah, só. Quando eu ia sair com ela.... ai minha Nossa Senhora só comprava essas coisa de índio e queria que eu usasse também. Aí eu falei, eu não vou usar essas coisas aí. Eu não sou xavante pra usar isso!

MC - Risos

G - Mas ela usava!

(Trecho confuso: as duas falam ao mesmo tempo sobre o bolo)

MC - Chamou o primo... mexe com ele que parece com índio!

G - Ele sentou, ali naquela caixa sentada, e eu trouxe, tinha uma mesa aqui, eu botei aqui e minhas tias comeram, minha mãe comeu... todo mundo comeu. Mas ninguém soube de nada não! Eu não falei com ninguém não!

I - Ah a senhora não falou?

G - Não, não falei e não ia falar.

MC - É, mas a gente nunca toca com ninguém. A gente só toca mesmo quando vem aqui perguntar colégio, porque vem muito colégio, vinha muito colégio, sabe?*

***G** - Agente só encarna sabe.

***MC** - Chegava aí e perguntava aí vinha conversar com a gente. As professoras vinham com eles.

***G** - Mas eu disse, oh, infelizmente era minha mãe, a gente pode até ser, mas não é. A minha mãe que é. Agora, nós não, a gente pode ter sangue mas não sabemos nada.

I - E a senhora lembra de outras histórias assim da infância de vocês?

MC - Não.

I - E o que a senhora costumava fazer quando você tinha...

MC - Eu trabalhava depois que ela começou a trabalhar. Primeiro tive uma luta com minha mãe que ficou doente, trabalhava...

I - Você tinha quantos anos quando sua mãe ficou doente?

MC - Eu tinha 25 anos. E ela trabalhava né? E... ela ficou doente eu tive que ficar porque ela ficou parálitica e eu tive que ficar tomando conta dela né? Quando ela faleceu eu tava com quarenta e oito anos. Então eu ficava aqui tomando conta dela, porque ela vivia na cadeira de rodas e quase não teve liberdade pra nada e ela ficou trabalhando porque eu não podia mais trabalhar.

G - E a sua irmã dona Gilda, ela trabalhava com o quê?

G - Eu comecei, eu trabalhei na Santa Beatriz primeiro depois..

I - Santa Beatriz? Que é Santa Beatriz?

MA - Uma Clínica de Olhos?

G - É. Não, primeiro trabalhei no Rio na companhia de Loteria.

MA - Casa Lotérica.

G - É, era apuração, a gente apurava. Depois... não, Santa Beatriz primeiro depois fui pro Rio. No Rio...

I - No Rio que você disse era Casa Lotérica?

G - É, Casa Lotérica. Fiquei poucos dias só lá. Depois fui trabalhar aqui em casa de família.

I - Você tinha mais ou menos quantos anos quando a senhora começou a trabalhar?

G - Ah, tinha vinte e poucos anos. Aí fui pra casa de família. Trabalhei muitos anos em casa de família. Trabalhei, trabalhei. Depois trabalhei aqui na Fabrica de Sabão Mossoró, que acabou [...].

I - Ah, sim, acabou. E quanto tempo que a senhora trabalhou nessa fábrica?

G - Ah, ali eu trabalhei quatro anos não foi? Que eu quebrei a perna?

MC - É, quatro anos

G - Aí, depois, daí no tempo do Collor que mandaram embora aí fui pra fábrica de sardinha ali em Jurujuba.

MA - Lá em Jurujuba.

I - Ah, e a senhora? Aí a senhora ficou... Dona Maria do Carmo, você ficou cuidando da sua mãe enquanto a tua irmã trabalhava.

MC - Quando eu tomei conta dela eu tava com 25 anos e quando ela faleceu eu estava com 48 anos. Eu fui trabalhar na casa da minha prima que ela é dentista. Trabalhei com ela lá 20 anos.

I - Você e seus irmãos estudaram todos na mesma escola?

MC - É.

I - Aí depois vieram pra cá, a senhora começou a trabalhar e a sua irmã, aí você ficou cuidando da tua mãe, depois que sua mãe faleceu...

MC - Eu fui trabalhar.

I - Você foi trabalhar como o que?

MC - Trabalhei com essa dentista.

G - Era parente.

MC - É parente, uma prima.

I - Você trabalhou quanto tempo lá?

MC - Vinte anos.

I - E o que mais que a senhora lembra?

MA - A senhora não se casou não é?

MC - Não, nem eu nem ela.

MA - E os outros irmãos da senhora ficaram todos casados.

MC - Todos casados.

MA - E só saíram da casa dos pais depois que casaram?

MC - Todos dois.

MA - Não veio ninguém morar aqui?

G - O único que mora aqui é nós três.

MC - Não, ela veio morar aqui porque precisou, sabe, de uma ajuda. Tem direito né..

I - Mas [...] você trabalhou vinte anos com essa dentista aí depois você voltou... aí você ficou aqui no bairro quando você parou de trabalhar lá?

G - Aí não, aí ela ficou em casa.

I - Onde é essa dentista? Tinha que pegar ônibus pra ir lá?

MC - Não, era aqui na São Lourenço.

I - Ah.

MC - Ela hoje não está mais aí, foi pra... está morando lá na região oceânica, tá lá em Araruama. Está morando lá.

I - E como era aqui no bairro nessa época? Já tinha ônibus, era asfaltado? Conta pra gente.

G - Não. Ônibus veio depois de Waldenir Bragança.

MC - É, foi ele que arranjou.

I - Waldenir Bragança?

MC - Ele que fez o pedido do ônibus. Já tem um bocado de tempo porque Waldenir Bragança já saiu faz tempo...

T - Antes de 90, 92.

MC - Foi ele que arranjou.

I - Que mais que era diferente aqui no bairro?

MC - Ah, agora que fizeram jardim lá na praça, que não era.

MA - Era como?

MC - Era, como é... Como é o nome daquilo? Buraco, era... como é, quando dá terra, não, qual é o nome daquilo? Barro, sabe? Também, não tinha ladeira era escadaria também...

I - Ah, o aceso aqui ao bairro era escadaria? Não tinha aquela ladeira?

MC - Era, escadaria. Aqui esse lado era escadaria. Onde eu morei ali também era escadaria. Agora, depois de muito tempo que essa estrada saiu.

I - Mais o que a senhora lembra aqui do bairro quando vocês brincavam?

*MC - Ah, não tinha brincadeira nenhuma, assim, que as crianças brincavam, não. Tinha sim que as meninas...

*G - Carnaval era lá pra baixo. Bloco tinha lá pra baixo.

*MC - Carnaval aqui não tinha.

MA - Vocês não freqüentavam, assim, Icarai...

G - Ah não, lá é só bacana.

MC - Não. A gente ia mais ali... lá pra baixo, nas barcas.

I - E o bonde?

G - O bonde tinha aqui...

MC - O bonde era na São Lourenço.

I - O que a senhora lembra do bonde?

MC - A gente andava de bonde né? (risos) Pra ir ao médico né? O médico era no Fonseca. A gente apanhava um para o Fonseca. Ia lá que o médico era no final do Fonseca!

G - Cubango, você ia no Cubango, a gente tinha que ir de bonde.

MC - Depois que acabaram com esse negócio de bonde, né?

I - Aí você disse que ia pra outros bairros de bonde. Como é que eram os outros bairros? Mudou muito? Como é que era na época?

MC - Ah, mudaram né?

***G** - Mudaram.

***MC** - Mudaram, mudaram muito.

***G** - Bairro Chic, Bairro de Fátima.

***MC** - Bairro Chic, Bairro de Fátima.

***G** - Era matagal, tinha caixa d'água antiga que soltava água pra Niterói todo.

I - E, voltando aqui ao bairro de São Lourenço, você disse que assim... seus vizinhos, como é que era em relação a seus vizinhos?

G - Boa.

MC - Boa, mas está tudo já falecido. Agora só tem jovem.

G - A bucha que tem também são como nós ... é filho que sabe o que a mãe contava. No começo, no 29 ali, que sabe muita coisa. Mora a mulher com ele.

I - Qual o nome dele?

G - Chamam ele de Badô.

MC - É, Salvador.

G - Tem até retrato dele aqui, mas ele foi também um bocado antigo aqui. Vocês conversaram com ele?

MA - Eles tão conversando lá em cima.

MC - É, ele é muito bacana. Ele vai contar muita coisa, porque ele brincava muito com esse meu irmão aí. Brincavam na Igreja.

G - O meu avô tomava conta da Igreja, meu avô por parte de pai que batia o sino da Igreja. Então os dois iam lá pra cima atrás dele e então...

I - Ah é? E como é que era? Seu avô ele era responsável....

G - Por parte de pai.

I - Pela Igreja. E a senhora lembrava que ia com seu avô?

MC - [...] Eu não, eu não ia com ele não, mas a gente via quando eles iam pra bater o sino né? Salvador lembra muito. Ele foi, né? Até acho que ele é mais velho do que eu.

G - Ele é.

I - Mas a senhora não ia junto não, com seu avô pra bater o sino?

MC - Ah não, porque ia mais meu irmão, ia mais rapazinho.

I - Não ia nem assim, olhar de curiosidade

G - Não. Eu não ia não.

MC - Não, porque não tinha luz antigamente.

I - Ah não? Aqui no bairro não tinha luz?

G - Não. Tinha luz, mas não, era aquela luz que antigamente tinha.

MC - Agora não, agora eles botaram né? Em todo lugar agora é diferente a luz. Era escura a praça.

G - Mas foi tempo bom, né?

MC - Foi tempo bom.

I - Quais eram as brincadeiras?

MC - Eu não era muito de brincar não. Ela era mais.

G - Não, ela era bem mais velha, eu que brinquei mais.

MA - Você brincava de que Dona Gilda?

MC - Bola, esconder, jogar bola de gude (risos). Ah, jogar bola de gude com as crianças. Queimado, sabe, brincar de queimado? Ih...

G - Essa associação era velha, ali na praça... Ali era uma associação.

***MC** - Não tem a associação ali? Depois parou, meu pai que ajudou a fazer essa associação.

***G** - Ali tinha baile, agente ia lá dançar.

MA - Ah, você ia dançar no baile?

G - Já era velha já.

MA - Mas você ia lá no baile.

G - Ia.

I e MA - E a senhora, também ia, dona Maria do Carmo?

MC - Às vezes eu não ia não, às vezes eu ia. Às vezes eu ia às vezes não.

I - Mas como é que era? Era tipo um ponto de encontro, todos iam lá?

G - Não, os moradores, não é? O pessoal do morro da Boa Vista [...]

MC - Os moradores, Só quando convidava também né? Quando convidava também o pessoal pra vir né? A gente convidava né?

G - O clube mesmo que a gente freqüentava mesmo com a minha mãe era o Araribóia.

I - Clube Araribóia?

MC - É.

G - Ali na Marquês do Paraná.

I - O que que a senhora lembra de lá?

***MC** - Era bom, familiar né? A gente ia... mãe quem levava a gente, quando minha mãe não podia levar era meu pai que levava, sabe?

***G** - era seu Nelson o dono do bar ...

MC - Levava a gente, mas isso era mais jovem né?

MA - Que que tem seu Nelson o dono do Bar? Ele que levava vocês pro clube?

T - Mas onde ficava o clube?

MC - Ali, você não sabe a... não tem a São João? A Andrade Pinto, você não sabe Andrade Pinto onde é?

G - Logo na esquina da Marquês do Paraná.

I - Ainda existe?

G - Agora é negócio de bebida...

***MC** - Logo no princípio da rua. Tinha um salão. A gente, a gente... eu dancei muito ali. Ali eu dançava.

***G** - Ali era muito bom, a gente podia ir pra lá...

I - Como é que era a relação com os seus pais? Eles deixavam você ir lá dançar?

MC - Deixava com ele. Quando a mãe não ia, o pai ia. Mas sozinha ele não deixava não.

G - Eu não ia porque menor não podia entrar, mas depois que eu completei doze anos eu fui. De noite era proibido a entrada de menor, aí ia todo mundo.

MC - Mas com os pais podia. Mas estando lá podia entrar. Então era só ela que levava a gente, não deixava a gente ir sozinho.

MA - O lazer de vocês era então era mais no clube do que talvez aqui no bairro.

MC e G - Não, aqui não tinha nada não, né. Acho que não, aqui a gente brincava.

I - Aqui vocês brincavam com o pessoal da época da escola?

MC - É, dos coleguinhas.

G - Não, quem morou aqui.

MC - É, quem morou aqui.

I - E esse pessoal que estudou com você que morava aqui no bairro? Você se lembra dos pais deles, o que eles faziam?

MC - Não... Nem moram mais aqui né Gilda, nem vem mais essas coleguinhas que estudou com a gente.

G - A única pessoa da antiga que está aqui é esse, Salvador, e dona Ema.

MC - E a família de Gracina.

G - E a família de Gracina só.

MC - A família de Gracina também foi criada aqui.

G - Tem agora uns parentes, mas também piorou demais.

I - E em relação ao Rio de Janeiro na época, a senhora costumava ir?

G - Ela ainda chegou a trabalhar no Rio, quando era nova. No moinho...

MC - Eu trabalhei no Moinho Inglês com 18 anos.

I - Dezoito anos você trabalhava no que? No curso de inglês?

MC - Não, na fábrica de biscoito. No Moinho Inglês, você se lembra? É lá depois da Praça Mauá, isso... eu trabalhei ali, com 18 anos.

I - Quanto tempo que a senhora trabalhou no Moinho Inglês?

MC - Trabalhei uns 3 anos só.

MA - Isso em que ano?

MC - Ah, gente... eu tava com dezoito anos! Comecei a trabalhar com dezoito anos lá. Foi uma colega que arranjou.

I - Aí de lá a senhora foi pra onde?

MC - Não trabalhei mais.

I - E como é que a senhora fazia pra ir pro trabalho na época?

MC - Ia de barca.

I - Era barca?

MC - De lancha. Saía de casa cinco e meia da manhã. Cinco e meia da manhã pra pegar sete horas. Saía cinco horas da tarde.

G - E a lancha também não era assim...

MA - E depois que construíram a ponte?

MC - Não, eu não cheguei a passar não.

I - Ah, então não tinha ponte?

MC - Não tinha não. A gente ia de barca e lá pro trabalho a gente ia de ônibus.

I - A senhora notou alguma diferença depois que fizeram a ponte?

MC - Ah, demais. Melhorou muito, né? Melhorou muito. Pra quem trabalha no Rio, acho que melhorou muito.

MA - Mas e a vida aqui em Niterói, você acha que piorou ...

MC - Ih, está pior.

I - Por que?

MC - Eu acho cada dia pior. Vocês não acham não?

MA - Não, em relação à ponte, depois que a Ponte foi construída, você acha que Niterói piorou?

G - Não...

MC - Ainda tem muito movimento né?

G - Serviu pra ter essas coisas que estão dando problema pra Niterói.

MA - Ah ta.

I - Mas, e .. assim... Aqui em Niterói mesmo, no bairro [...] antes da ponte e hoje em dia, o que a senhora acha que mudou aqui?

G - A contorno ali não tinha.

MC - É, agora tem.

G - Agora fizeram a contorno. A gente andou daqui até no Barreto a pé quando inaugurou. Foi uma beleza, uma bagunça, todo mundo a pé.

MC - A gente só sabe isso, que a gente vinha.

I - E o aterro aqui em baixo?

MC - Melhorou também porque isso aí tudo era lamaceira, aguaceira.

I - A senhora lembra de antes do aterro?

MC - Ah me lembro. Isso eu me lembro.

I - Como é que era?

MC - Pra gente ir pra Ilha da Conceição a gente tinha que atravessar no, no negócio de água, ou então botava um negócio pra gente atravessar, uma tábua pra gente chegar lá na Ilha. Tinha um mercado ali grande. Mas ali era lama, uma lamaceira danada. Agora melhorou né? A Ilha da Conceição tá outra coisa né?

I - Mas tinha lixo também ou era só lama?

MC - Não, mas lixo tudo, né?

I - E quando aterrou?

MC - Aí melhorou né?

I - As crianças iam brincar no aterro ou não?

MC - Não, só da favela ali. Só as pessoas da favela ali que vai né?

I - A senhora lembra quando começou a formar essa favela?

MC - Acho que começou... a gente nunca foi ali não, mas acho que começou... foi fazendo uma, outra, outra, outra, outra, outra.

I - Quando a senhora era pequena, você já... a senhora já tinha visto casas por ali?

MC - Até para a gente ir ali tem que ter medo, né?

G - Ali só tinha fábrica, do sabão ...

MC - Agora tem uma clínica [...]. Agora fizeram uma clínica grande.

G - Tinha uma de macarrão que acabou... aqui.

MC - Marechal Deodoro...

I - De macarrão?

G - Tinha uma de macarrão. A Igreja de Santo Antonio sempre teve... e as casas são mantidas e agora estão fazendo de oficina.

MC - Na São Lourenço tudo é oficina.

I - As casas são oficinas?

MC - É... onde era moradia, é tudo oficina.

I - Ah sim. E... aqui no bairro, a senhora disse que seu pai era sapateiro, né?

MC - É.

I - Tinham outras oficinas aqui?

MC - Ele trabalhava pras lojas também.

G - Mas era do Rio.

MC - Era do Rio, mas ele trabalhava aqui, fazia o serviço aqui...

LADO "B"

MA - Mais ou menos em que ano?

MC - Ah... muitos anos!

MA - Então vamos repetir, só pra pegar na fita. Fala de novo que era a senhora... quem era que levava os sapatos.

MC - Eu e um sobrinho. E às vezes ela ia comigo. Quando um sobrinho não podia ir, ela ia comigo.

I - Levar as encomendas pro seu pai?

*G - Sapatos bacanas de noiva...

*MC - A gente levava. Ele trabalhava muito bem no sapato.

I - Quantos anos mais ou menos a senhora tinha?

MC - Ah, tinha... era jovem, era jovem ainda.

MA - Como é que era a rotina...

G - Eu era criança, eu era criança, tinha oito anos, nove...

MC - Agora, quando eu ia pro Rio eu tinha quinze anos.

I - A senhora gostava de ir lá levar as encomendas?

MC - Eu tinha que ir lá levar, né filha?

G - Eu adorava! Ia passear.

MC - Lá tinha muitos amigos, paravam os ônibus na Praça XV, né? E a gente ia pra... ali pra... como é o nome daquela rua grande... Presidente Vargas? A gente passava por lá, e de tardinha assim... meio-dia a gente saía de casa. Levava o serviço dele. Que ele trabalhou muito nisso. Trabalhava até muito bem.

I - Ah sim.

MC - Ele lutou muito também, coitado.

MA - E ele fazia era em casa. A oficina dele era em casa. E como é que era a rotina assim de vocês em casa? O pai trabalhava, a mãe cuidava da casa e vocês estudavam?

MC - É, estudava. Mas ele lutou muito também né? A casinha que ele fez era aqui nessa aqui.

MA - Aonde?

MC - Nessa casa que tem aqui, não foi nessa casa não. Ele fez um barraquinho e trabalhava ali. Ele e meu tio trabalhavam ali.

I - O irmão dele?

MC - É, irmão dele. Trabalhavam juntos.

I - Ah, eles trabalhavam juntos.

MC - É.

G - Depois que meu avô morreu por parte de pai, vendeu a casa de lá e vendeu esse pedaço aqui aí teve que vender ficou com a casa aqui, sem nada por que meu dois tios, meu pai e outro meu tio, que é o pai do Luis...

MC - Esse terreno nosso vem daqui da ponta até lá embaixo, quase na rua São Lourenço, na FIMAT. Nosso terreno é até lá. Depois os sobrinho começou a fazer casa, cada um fez né.

I - Quem mora aqui hoje em dia, perto da senhora?

MC - Lá em baixo mora um sobrinho, filho desse irmão meu, mais um outro filho, mora ele, mora eu aqui.

G - Aqui só moram três irmãos...

MA - Mas os que saíram daqui também continuaram por São Lourenço ou foram pra outros bairros?

G - Foram pra São Lourenço ali, na Rua São Lourenço, ali aonde é a Amoedo, que jogaram tudo abaixo. Al,i dali trocaram um terreno no Alcântara no Santa Isabel, foram pra lá.

I - Ah, em Alcântara?

G - É, logo ali na entrada do Extra.

MC - Irmã da mais velha depois dele.

MA - São todos casados que a senhora tinha falado.

I - Ele tem filhos?

MC - Tem, tudo casado também. É avó e tudo...

I - Então quantos sobrinhos a senhora tem?

MC - Ih! Uma porção! Eu não consigo nem contar. Tem uma porção. Criei dois que a mãe faleceu, minha irmã né? Nós criamos dois no tempo da minha mãe, né? E quem acabou de criar fui eu e ela . Depois quem acabou de criar fui eu, porque ela faleceu né?

MA - Qual o nome?

MC - É João Carlos e José Carlos. Já são casados, já é pai também.

I - E a senhora ficou quanto tempo criando eles?

MC - Olha, quando ele veio pra nossa companhia estava com dois anos e o outro estava com um mês.

I - Ah, então você foi a mãe praticamente?

MC - Nós criamos ele porque depois minha mãe faleceu, não pôde criar então...

I - Eles estudavam aqui?

G - Um estudou no José Bonifácio e depois no Liceu.

MC - É. Ele se formou no Liceu. Nós arranjamos, né, vaga lá pra ele, fez a prova lá passou e os dois estudaram lá, no Liceu. Mas fizeram até o segundo ano só, porque começaram a namorar e não quiseram mais estudar, foram trabalhar né? Foi uma pena né? Estudou até o segundo ano só.

I - Mas hoje em dia eles são casados, é isso?

MC - São.

I - E tem filhos?

MC - Tem. Esse aqui tem dois: Maíse, Leandro e a outra tem Juliana, só tem uma.

MA - E continuam em São Lourenço?

MC - Continua, mora aqui.

G - Não, na parte da mãe deles...

MC - Na parte da mãe deles, fizeram a casa...

MA - E hoje, como é que a senhora vê o dia de Araribóia hoje?

G - Eu acho horrível. Deus que vá me perdoar...

I - Por que?

G - Não é nada aqui em cima, é tudo na Praia de Icaraí.

MC - É... porque hoje não faz a festa aqui. Aqui só tem a missa.

G - Só tem a missa.

MC - Uma vez vieram. Trouxeram uma porção de índio, dançaram...

I - Trouxeram uma porção de índio da onde?

MC - Não sei, depois da missa né, eles dançaram, chegaram de ônibus, dançaram, brincaram, deram uma porção de coisa de lembrança deles pra gente, sabe? Um cordãozinho, cordão, deu pulseirinha. Só isso. Depois não vieram mais não.

MA - E você lembra em que ano foi isso?

MC - Não me lembro. Não me lembro quem era o governador.

I - Mas aí os índios vieram, se apresentaram...

G - Teve roupa, né, de índio...

I - Aí fizeram apresentação e dançaram... e depois, como é que foi?

MC - Depois foram embora. Teve um almoço né, e levaram eles pra... foi lá pra Icaraí.

G - Tudo é Icaraí, de Icaraí pra Charitas

MC - Aqui só faz a missa.

MA - E vêm os políticos todos, vêm?

MC - É, nesse dia vem.

MA - E como é que é a relação do bairro com a política? Eles vêm só em época de eleição, só no dia do Araribóia?

MC - Só. Conversa né?

I - Mas eles vêm e conversam?

MC - Você sabe como é que é os candidato né? Pagam as coisas praquilo tudo, faz churrasco, dá aquelas cervejaria toda. Isso eles sabem fazer.

I - E depois? Eles aparecem?

MC - Ih, some!

I - Somem?

G - Quando a gente vai procurar, se esconde da gente.

MC - Vai procurar e até se esconde.

I - Mas na festa de São Lourenço eles também aparecem, não?

G - Não alguns vêm. Uns. Que já morou aqui que foi... que era político.

I - Então a festa de São Lourenço seria mais uma festa da comunidade aqui do bairro?

MC - É...

I - E como é que é essa festa?

MC - A gente luta pra fazer essa festa. Moradores lutam pra fazer essa festa.

I - Ah, são os moradores que organizam a festa?

MC - Não, agora tem a igreja né? A igreja de Sant'ana ajuda elas aqui em cima, né?

I - Ah, a Igreja de Sant'ana.

MC - Então... agora tem um padre novo, né? Então ajuda né?

G - Lá que é a matriz...

MC - Mas aqui sempre fazia bingo, fazia rifa pra poder fazer a festinha. A festa era bonita à beça. Os fogos... às quinze pra meia-noite soltavam os fogo. Era uma coisa linda! Mas bonita mesmo! Agora não tem mais, acabaram. A festa aqui acabava....

I - Há quanto tempo atrás a senhora lembra desses fogos?

MC - Acabaram era dois anos ou três anos que acabaram né Gilda? Acabaram com isso...

G - Tem pouco tempo.

MC - Pouco tempo.

I - Então não tem mais... não tem mais...

MC - Tem a procissão, tem as barraquinhas.

I - A senhora participa da procissão?

MC - Vou, todo ano.

G - Todo mundo aqui vai!

MC - Todo mundo... não ih. Quando não quer fazer a festa, eles acham ruim, reclama. Sempre fez, como é que agora não quer fazer...

I - Mas como é que é essa festa? Conta pra gente.

MC - Monta barraca, aluga barraca. Aluga também. Tem show. Sabe? Às vezes faz três dias, às vezes faz dois.

I - Essa festa é assim... é em torno da igreja ali?

G - Na praça.

MC - Na pracinha.

I - Aí reza missa...

MC - Reza missa...

G - Tem a procissão...

MC - É, a procissão sempre é quatro horas. Agora você vem.

I - Pode deixar...

MC - Vocês. Está convidado pra ir na festa. É bonita. É pobre mas é bonita, sabe? Cada um inventa né, aquela festinha. Essas meninas comandam... esse pessoal dali, essas pessoa dali comanda a igreja. Ajuda, sabe?

I - Essa é a festa de São Lourenço. E na festa do Araribóia, não tem....

G - Nada... Acaba a missa fecha a Igreja, todo mundo vai embora.

I - E esse busto do Araribóia? A senhora lembra quando veio pra cá?

G - Era daqui. Era daqui que minha mãe contava. Daqui que botaram lá em baixo. Depois ele voltou pro lugar dele. Ta parecendo essa música "voltei, aqui é o meu lugar" (cantarolando). (risos) Eu falo, eu falo que eu sou revoltada com isso.

MA - Você é revoltada com isso?

G - Eu sou. Pra que que tiraram as coisas que eram daqui? Ele que fundou aqui a nossa cidade de Niterói. Aí voltou, botaram o grande lá e trouxeram esse pra cá.

I - Tinha mais alguma coisa que eles retiraram daqui?

MC - Não, tinha não. Agora depois que consertaram a igreja sim, né? Que descobriram uma porção de coisa. Lá dentro. Vocês já entraram na Igreja? Não... o que eles acharam, acharam no chão né?

I - O que eles acharam?

MC - Eles fizeram um armariozinho... Disse que tinha uma porção de ossos, tem lá. É só vocês pedirem pra entrar na Igreja. É em um salãozinho do lado da igreja. Vocês foram lá ver?

G - (incompreensível)

MC - Diz que acharam. Uma porção de coisas está lá.

I - E aqui? A senhora já achou alguma coisa assim?

MC - Ui, não achei nada. Uma vez estava no colégio né e começou a cavar pra ver se encontrava alguma coisa, encontrava um ossinho dizia que era da sinhá. Podia ser de

algum bicho, não era da pessoa né? Mas como ali em cima disse que encontraram. Acho que ali do lado da Igreja encontraram uma porção de ossos.

I - E aqui? A senhora, os vizinhos, eles contam de acharem?

MC - Não, a gente encontra muito é marisco né?

I - Marisco?

MC - É, sabe na entrada, Você não vê uma porção de marisco?

***G** - Ninguém aqui não tinha interesse nisso não, porque ninguém coisa. Aqui...

***I** - Mas quando construiu a casa?

***MC** - Ih, a gente nem lembra, né? Marisco.

G - E pedra, muita pedra.

MC - Pedra você encontra muito. Até lá em baixo no final. Lá no final é uma pedreira.

G - Lá no final é uma pedreira.

MC - Ali em baixo no final daqui do terreno tem uma pedreira. Sai quase lá... quase chegando lá em São Lourenço. Não chega a chegar em São Lourenço. A metade do terreno você encontra pedra. Aquelas pedra grande mesmo!

I - E hoje aqui no bairro? O que a senhora conta, assim das pessoas que moram aqui? Todas elas são pessoas antigas ou tem pessoas novas também no bairro?

***G** - Tem novas.

***MC** - Tem novas também. Tem pouco né? Casado, velho já.

G - Ficaram aqui na casa de parente...

I - Como é a relação da senhora dona Maria do Carmo com essas pessoas?

MC - Boa. Conversa, de noitinha eu me sento ali na pracinha, aí fico conversando. Que agora o tempo ta calor né? Dentro de casa está quente né? A gente vai ali fica sentada conversando. Muita coleguinha.

I - Ali na praça né?

MC - Na praça. Mas é bom...

I - A senhora gosta então?

MC - Eu gosto.

MA - Então a vida hoje da senhora é mais restrita aqui ao bairro mesmo. Vocês não saem muito...

G - Também não tem mais nada pra gente ver.

MC - E a gente agora também tem medo de sair...

I - A senhora gostaria de sair aqui do bairro?

***G** - Eu não.

***MC** - Daqui não gostaria de sair não.

G - Só quero sair daqui pro cemitério.

MC - É que a gente acostumou aqui né?

G - Por São Lourenço e São Jorge.

MC - Mas... mas a gente acostumou aqui, né?

G - Todo mundo adora isso aqui. Quem vem aqui a primeira vez não quer ir embora.

MC - Tem pessoas que se mudaram daqui que tem até arrependimento. Tem vontade até de voltar outra vez.

I - Ah é?

MC - É. Muita família que tem vontade de voltar. E aqui é tranqüilo também né?

G - Todo lugar é perigoso.

MC - Todo lugar é perigoso mas aqui é tranqüilo. Aqui é muito abençoado.

I - Muito abençoado?

MC - É. Aí agora a gente só tem medo de sair né? Porque agora todo lugar tá perigoso né? Está demais.

G - Qualquer lugar por aqui em Niterói, no Rio de Janeiro está...

I - Antigamente já era assim ou não?

MC - Não. Era também. Não está como agora né? Porque agora eu acho que está pior né? Mas antigamente a gente podia andar tranqüilo.

G - E agora tem muitas saídas pra certos lugares...

MC - É...

G - Depois concertou a ladeira, concertaram... Aqui vai pro Contorno, vai pra Avenida, vai pra Alameda, vai pra casa da Juliana. Aqui vai pra Marques de Paraná...

MC - Aqui quando enche essa rua na São Lourenço, aqui em cima passa vários carros. Tem gente que passa, pára com a gente, pára o carro e fala: Ih não sabia que existia esse lugar aqui. Parece até o interior, lugar no interior né? É que enche d'água, então eles não podem passar, né? Então eles passam por aqui. Passa por aqui e sai aqui no Ponto Cem-Réis. Vai lá pro Fonseca e vai lá pro Barreto. Passa muito carro aqui.

MA - E a estrutura do bairro, assim, o transporte pra vocês. Vocês têm uma linha de ônibus...

G - Só um ônibus...

MC - O problema do ônibus é que às vezes a gente espera e demora, minha filha! As vezes a gente só tinha dois ônibus, tiraram né? Então a gente às vezes está na parada do ônibus e fica uma hora esperando o ônibus.

G - Mas ainda damos graças a Deus de ter

MC - A gente dá graças a Deus de ter não é, mas a gente custa menina, fica esperando. Em pé lá, esperando ele chegar pra poder trazer a gente. Tem muita reclamação. Eles pediram pra botar mais outro ônibus. Mas ele não bota.

MA - Mas e os serviços do bairro? Saúde, tem posto aqui de saúde?

MC - Tem esse aqui mas está fechado.

I - Está fechado?

MC - Fechado.

I - Por que que está fechado?

MC - Porque quem toma conta é Dr Talmo né? Só abre de manhã cedo. E agora abriu um aqui né? Como é o nome do vereador Gilda?

G - Zé Antônio.

MC - Zé Antonio. Ele faz parte do Barreto, porque ele é dono do Barreto. Ele mora no Barreto. Ele foi eleito. E...

I - Ele é daqui da comunidade?

G - Ele não é daqui Cocota!

MC - Ele não é daqui, mas ele foi bem eleito. Ele recebeu muito voto daqui.

MA - E antigamente como é que era a saúde? Não tinha o posto aqui.

MC - Tinha só o posto de São Lourenço.

I - Aí quando a senhora era pequena você ficava doente, seu pai tinha que sair com a senhora daqui?

MC - O médico da gente era aqui. O Antônio Pedro ou então aqui no Fonseca. Aqui no Fonseca que minha mãe tinha um médico que tinha uma clínica particular, então atendia a gente. Minha mãe levava a gente nele. Era aqui no Fonseca. No final do Fonseca. Ela se tratava com ele. Agora não, agora a gente trata aqui na Saúde Pública, que é um lugar mais perto né?

I - Bem, então é isso. Agradecemos a senhora Maria do Carmo, agradecemos a senhora Gilda, está ok?! Muito obrigada!